

“Le roi Candaule” de La Fontaine – um conto, na diversidade de géneros dos ecos literários de um célebre episódio de Heródoto

“Le roi Candaule” by La Fontaine – a tale, in the diversity of genres of the literary echoes of a famous Herodotus’ episode

Cristina Abranches Guerreiro

CEC / FLUL
cguerreiro@fl.ul.pt

Palavras-chave: La Fontaine, conto, novela, Gíges e Candaules, Heródoto, Platão.
Keywords: La Fontaine, tale, novella, Gyges and Candaules, Herodotus, Plato.

Para explicar a ascensão dos Mérmnadas ao trono da Lídia (c. 687 a.C.), Heródoto (I, 8-13) narra as circunstâncias em que Gíges alcançou o poder, matando Candaules (o último membro da dinastia dos Heraclidas) e desposando a rainha viúva. Conta o historiador que, orgulhoso da beleza da esposa, Candaules a enaltecia com frequência nas conversas que mantinha com Gíges, membro da guarda real e seu homem de confiança. E, para comprovar que não era infundado tal deslumbramento, propôs ao seu confidente que a observasse nua, para avaliar *de visu* o seu esplendor. Perante a relutância de Gíges (assente na convicção de que “cada um deve ver apenas aquilo que lhe pertence”), Candaules insiste, prometendo escondê-lo atrás da porta do quarto, para que a mulher, ao deitar-se, não o veja. Mas a rainha apercebe-se da situação e, no dia seguinte, manda chamar Gíges, para lhe apresentar duas alternativas: pagar com a vida o facto de ter visto o que não devia, ou matar Candaules herdando o trono e a viúva.

Estruturalmente, esta narrativa do primeiro livro das *Histórias* de Heródoto evidencia as características enumeradas por Aguiar e Silva (1967) na definição de conto: “centrado sobre a representação de um episódio, de um caso humano comovente, curioso ou invulgar”, o conto “caracteriza-se por uma forte concentração da intriga, do espaço e do tempo, pela unidade de tom e por um número relativamente reduzido de personagens, dando escassa importância à narração e à descrição”.

I

Nos versos iniciais do conto “Le roi Candaule et le maître en droit”, La Fontaine apresenta o célebre episódio de Heródoto como exemplo do funesto destino propiciado por insensatas opções (La Fontaine, 1965, p. 268):

Force gens ont été l’ instrument de leur mal:
Candaule en est un témoignage.
Ce roi fut en sottise un très grand personnage;
Il fit pour Gygès son vassal
Une galanterie imprudente et peu sage.

Múltiplas são, porém, as variantes com que o autor francês recria o relato do historiador grego. Para que Gíges possa ser testemunha da sua felicidade suprema, Candaules decide mostrar-lhe o belo corpo da rainha, durante o banho, sem que ela dissesse se apercebia (“Je vous la veux montrer sans qu’elle en sache rien”), mas impõe-lhe uma condição: que se abstenha de quaisquer emoções, limitando-se a admirá-la como uma bela estátua de mármore. Tal visão desperta, contudo, em Gíges uma incontrolável paixão (“Ils vont: Gygès admire. Admirer c’est trop peu: / Son étonnement est extrême. / Ce doux objet joua son jeu”). Quando, em tom jocoso (“prétendant rire”), Candaules revela à esposa o que com Gíges combinara, ela não manifesta a sua revolta, mas o ódio que sente contra o marido e um amor nascente por Gíges despertam-lhe uma sede de vingança que só a morte do rei poderá saciar. Com uma poção fatal, “le pauvre roi par nos amants / fut député vers le Cocyte”. Nos últimos versos da narrativa, a descida de Candaules ao sombrio reino dos mortos (“le noir rivage”) contrasta com a fulgurante ascensão de Gíges (“Tandis qu’aux yeux de Gygès / S’étaient de blancs objets”), no trono e no coração da bela rainha.

Como sugere o título deste conto, a célebre história de Candaules serve de preâmbulo a outra narrativa, proposta nos versos 117-122 (La Fontaine, 1965, p. 269):

Mon dessein n’ était pas d’ étendre cette histoire,
On la savait assez. Mais je me sais bon gré;
Car l’ exemple a très bien cadré;
Mon texte y va tout droit; même j’ ai peine à croire
Que le docteur en lois dont je vais discourir
Puisse mieux que Candaule à mon but concourir.

À semelhança do rei lídio, “le docteur en lois” da segunda história – inspirada num conto de *Il Pecorone* de Giovanni Fiorentino (1897, pp. 8-19) – é também o catalisador da sua própria infelicidade: incentivado pelo jurista a viver uma aventura amorosa em Roma, um dos seus estudantes acaba por cortejar, sem o saber, a esposa do mestre. Suspeitando da infidelidade da consorte, o doutor decide surpreendê-la num encontro marcado com o jovem galanteador. Mas uma velha alcoviteira, cúmplice da adúltera, por esta incumbida de receber o amante, reconhece o marido enganado: na penumbra, finge acompanhá-lo ao quarto da dama, dizendo-lhe que se prepare para o encontro amoroso, mas fazendo-o entrar

numa das salas de aula, numa bem triste figura, ridicularizado e alvo do riso de quantos assim o vêem.

Sem longas descrições nem análise psicológica, pela sua brevidade narrativa, a cada um destes dois distintos episódios associados por La Fontaine se aplicam as palavras de Eça no "Prefácio dos *Azulejos do Conde de Arnoso*" (Queiroz, 1986, p. 1439):

No conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sóbrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos, apenas o que caiba num olhar, ou numa dessas palavras que escapa dos lábios e traz todo o ser; da paisagem somente os longes, numa cor unida.

II

Nos capítulos XXXIII-XXXV da primeira parte de *Don Quijote*, alguns ecos do episódio de Gíges e Candaules sugerem que o célebre passo de Heródoto poderá ter sido uma das fontes de inspiração de Cervantes, na história de Anselmo e Lotário. No final do capítulo XXXII, o título desta narrativa suscita a curiosidade da personagem que depois a lerá a um grupo de ouvintes atentos (Cervantes, 2004, pp. 326-327):

Llevábase la maleta y los libros el ventero, mas el cura le dijo:
 – Esperad, que quiero ver qué papeles son esos que de tan buena letra están escritos. Sacólos el huésped, y, dándoselos a leer, vio hasta obra de ocho pliegos escritos de mano, y al principio tenían un título grande que decía: *Novela del Curioso impertinente*. Leyó el cura para sí tres o cuatro renglones y dijo:
 – Cierto que no me parece mal el título de esta novela y que me viene voluntad de leella toda.
 [...] había tomado Cardenio la novela y comenzado a leer en ella; y pareciéndole lo mismo que al cura, le rogó que la leyese de modo que todos la oyesen.
 – Sí leyerá – dijo el cura –, si no fuera mejor gastar este tiempo en dormir que en leer.
 – Harto reposo será para mí – dijo Dorotea – entretener el tiempo oyendo algún cuento [...]
 – Pues, de esa manera – dijo el cura –, quiero leerla, por curiosidad siquiera: quizá tendrá alguna de gusto.

Aplicando à narração oral o termo *cuento* (que designa, por exemplo, a história narrada pela pastora Marcela, no cap. XIII da primeira parte de *Don Quijote*), Cervantes apresenta *El curioso impertinente* como *novela*, por se tratar de uma narrativa escrita (Barquero Goyanes, 1988, p. 103).

Para comprovar a fidelidade da esposa (cuja conduta não dá azo à mínima desconfiança) e avaliar a sua resistência ao eventual assédio de um galanteador, Anselmo exige a Lotário, o seu maior amigo, que se finja por ela apaixonado e a corteje. Sem qualquer intenção de cumprir tão insensata incumbência, Lotário vê-se obrigado a simular que a põe em prática. Mas o suposto actor acaba por se enamorar e conquistar, contra a sua própria vontade, a mulher de Anselmo, que também não resiste aos impulsos da paixão que a invade. Durante algum tempo, os dois amantes conseguem iludir o marido enganado, levando-o a crer

na inabalável virtude da consorte. No dia em que Anselmo descobre a verdade, sem forças para suportar a situação adversa gerada pela sua impertinente curiosidade, sucumbe à dor da desonra e da solidão. Na solidão morrerá também, pouco depois, a viúva – no convento em que o amante a deixara, ao partir para o combate em que perderia a vida, arrependido da sua conduta para com o amigo.

Como Candaules, Anselmo propiciou a infidelidade da esposa e levou um amigo a transformar-se num rival; à semelhança de Giges, Lotário foi induzido a aceitar uma proposta em relação à qual manifestou relutância, sem conseguir isentar-se do seu cumprimento. Sem qualquer referência explícita a Giges e Candaules, não será, pois, inadmissível associar este conto de Cervantes aos testemunhos literários da recepção do célebre episódio de Heródoto.

III

Em contraste com a brevidade do conto, o esquema da novela caracteriza-se pela pluralidade e sucessividade dramática, um número ilimitado de personagens, liberdade de tempo e espaço, uso da descrição e da dissertação (Moisés, 1983, p. 89) – recursos que se evidenciam na novela *Le roi Candaule* de Théophile Gautier.

Tomando por base o texto de Heródoto, o autor incorpora na sua narrativa elementos provenientes de outras fontes literárias (Gautier, 1917, p. 415), entre os quais o nome da rainha¹. No dia em que Candaules toma por esposa a loura Nísia, o povo apinha-se nas ruas para ver passar o cortejo nupcial: todos conhecem a fama da rara formosura da recatada jovem, oculta aos olhos do mundo pelo véu que sempre lhe cobre o rosto. Nesse dia festivo, ao olhar para a noiva do monarca, Giges reconhece a bela jovem por quem se apaixonara, quando, enviado numa missão oficial à Bácia, tivera a sorte de lhe ver o rosto, no momento em que o vento, providencialmente, lhe levava para longe o véu.

O narrador enaltece a beleza da rainha e o pudor exacerbado que a leva a repudiar com frieza os olhares embevecidos e o êxtase de Candaules ao contemplá-la. Apesar de convidar Giges a comprovar *de visu*, oculto atrás da porta do quarto real, a beleza de Nísia, o rei recomenda-lhe que não se deixe apaixonar pelos seus encantos, olhando-a apenas como uma bela estátua e não como uma mulher (Gautier, 1917, p. 409). Acedendo a observar a rainha (para não incorrer na ira do monarca, contestando a sua vontade), Giges sente renascer a chama da paixão e sente ciúmes de Candaules, pensando que, se possuísse Nísia, guardaria bem o seu tesouro. É, pois, com um misto de amor e ciúme que Giges actua como cúmplice da soberana no regicídio. Não amando Candaules, desvanecem-se no coração de Nísia a ternura e o respeito que por ele nutria, no preciso instante em que se apercebe da indigna situação em que o marido a envolvera.

¹ Heródoto não menciona o nome da mulher de Candaules. Tomando por fonte Ptolemeu Heféstion, Fócio (190, 150 b) refere que ela se chamava Nísia (embora os antropónimos Clícia, Abro e Tudo lhe tenham sido também associados); o autor admite que o historiador tenha omitido o nome da soberana, por este lhe ser odioso desde o dia em que o seu amado Plesíroo se enforcara, por uma mulher chamada Nísia não corresponder ao seu amor.

Sentindo-se adúltera e impúdica por ter sido ultrajada como uma vulgar amásia de festim, alia à sua sede de vingança um amor latente por Giges, para quem o destino parecia impeli-la. As múltiplas alusões ao destino (Gautier, 1917, pp. 365, 387-388, 391) culminam num curioso indício da morte de Candaules (Gautier, 1917, pp. 384-385): estando repleta a sala onde se encontram expostas as estátuas dos membros da dinastia dos Heraclidas, a sua efígie ocupa o último lugar disponível, não havendo espaço para colocar as imagens dos seus descendentes.

IV

A novela de Gautier foi uma das fontes de inspiração de Friedrich Hebbel, na tragédia em cinco actos *Gyges und sein Ring*, cujo enredo alia à versão de Heródoto a variante da história de Giges e Candaules narrada por Platão (*Rep.* II, 359-360b; X, 612b): Giges apascentava os rebanhos do rei da Lídia, quando encontrou um anel que conferia ao seu possuidor a propriedade de se tornar invisível. Como era ambicioso, o pastor usou os poderes mágicos da jóia para entrar no palácio, seduzir a rainha e, como seu cúmplice, matar o soberano – o que lhe valeria a ascensão ao trono.

Na tragédia de Hebbel, Giges é um grego que, em viagem para o Egipto, se encontra de passagem na corte de Candaules e se dirige ao rei para lhe pedir que o deixe participar nos jogos lídios. Não querendo conservar em seu poder um anel mágico que encontrara na Tessália, capaz de tornar invisível o seu possuidor, Giges decide oferecê-lo ao rei da Lídia. Depois de surpreender no palácio, com o auxílio do anel, os planos de uma conspiração, Candaules enaltece, perante Ródope², sua esposa, esse mágico recurso; cautelosa, a rainha pede ao marido que o devolva. Decidido, porém, a aproveitar as propriedades da jóia, Candaules obriga Giges a usá-la, para ver nua a soberana nos aposentos reais. Considerando que só a morte poderá apagar a sua culpa, Giges entrega a vida nas mãos de Candaules e devolve-lhe o anel, receoso de desejar ver de novo o que não deve. Chamado à presença da rainha, declara-lhe o seu arrependimento e a vontade de se suicidar para expiar a culpa. Quando Ródope lhe propõe que mate Candaules, parece-lhe preferível o suicídio, mas a beleza da rainha, o amor que por ela sente e a esperança de vir a desposá-la levam-no a aceitar ser o instrumento da sua vingança. A nobreza de carácter impede-o, contudo, de matar como um vulgar criminoso: resolve desafiar Candaules para um duelo, que terminará com a morte de um deles. Ainda recua, no momento decisivo, mas trava o combate na esperança de desposar Ródope.

Candaules é nesta tragédia um homem excessivamente confiante, um esteta orgulhoso da beleza da sua mulher. Ao reconhecer a paixão que nasce no coração de Giges depois de ver desnuda a bela Ródope, Candaules começa por rejubilar (pensando que outro homem inveja a sua sorte), mas pouco depois vê nele um

² Não figurando em nenhuma das versões antigas da história de Giges e Candaules, Ródope é também o nome da mulher de Candaules no esboço da tragédia *König Kandaules* de Hugo von Hofmannsthal.

rival e propõe-lhe que parta para nunca mais se verem; sente ciúmes, mas não pode deixar de admitir que é ele próprio o responsável pela situação. Os remorsos levam-no a prometer à rainha que respeitará o seu recato e nunca mais lhe pedirá que retire o véu. Quando ela reclama a punição do indiscreto observador, o rei afirma que não pode matá-lo porque não é lícito que outro homem sofra pelo sacrilégio por ele planeado. Pede então a Gíges que revele à rainha tudo aquilo que ele próprio não consegue confessar. Reconhece-se merecedor da morte que Ródope para ele reclama, prometendo lutar com brio no duelo, mas maldizendo o anel cujo uso lhe foi funesto.

A rainha é a mais complexa das três personagens. Sentindo-se ultrajada pela presença de um estranho nos seus aposentos, deseja a morte e pede ao marido que a mate. Pensando que o culpado é Gíges, supõe que Candaules se sente traído, mas sem força para lavar a sua honra com a morte da esposa ou do homem que ousou entrar nos aposentos reais; ao saber, porém, que foi o marido o responsável pela vergonha que a consome, ela reclama a Gíges que o mate, prometendo-lhe em troca o trono e jurando dar-lhe a sua mão. Depois de lhe conferir o poder real, Ródope pede-lhe que a acompanhe ao altar. Para não cometer perjúrio, estende-lhe a sua mão, mas logo se liberta desse simulado vínculo, para cravar no peito um punhal, imolando-se em nome da honra e do pudor. O desenlace da versão de Hebbel sugere que o dramaturgo terá procurado desenvolver a dimensão trágica do conflito íntimo da rainha, dando à personagem um final de vida sem testemunhos na tradição clássica da história de Gíges e Candaules.

V

No argumento e na caracterização das personagens, são nítidas as afinidades do texto dramático de Hebbel com o esboço de Hugo von Hofmannsthal para a tragédia em cinco actos *König Kandaules*.

Abalado por se sentir responsável pela morte da sua amante (às mãos do marido, enciumado), Gíges, comandante das tropas lídias, decide apresentar ao rei o pedido de demissão. Refere que possui um anel mágico que confere invisibilidade (mas de que, por receio, jamais se serviu) e oferece-o a Candaules, para que ele possa desmascarar a conspiração que na corte germina. Ao verificar, porém, o sentimento de culpa de Gíges pela morte da sua amante, o rei sente a curiosidade de saber se a beleza da rainha Ródope será capaz de apagar essa lembrança. Devolve, pois, ao súbdito o anel mágico, sugerindo-lhe que o use para observar a soberana no seu quarto: deslumbrado pelo encanto de Ródope, Gíges considera-se desprezível por ter acedido à proposta de Candaules.

A incómoda sensação da presença de um intruso nos seus aposentos leva a rainha a mandar crucificar os servos que lhe terão permitido o acesso. Conduzido ao cárcere por ter sido visto nas imediações, Gíges insinua a culpa de Candaules. Ultrajada, Ródope induz o súbdito ao regicídio. Recusando-se a usar o anel para ocultar o homicídio, Gíges é preso e torturado. As tropas do palácio organizam um motim. A soberana manda libertar o prisioneiro, mas as mulheres da família do rei assassinam-no como ménades, atirando a cabeça da vítima aos súbditos

amotinados. Ródope ordena então às aias que lhe preparem um último banho, durante o qual põe fim à vida, cortando as veias.

A morte de Giges é um desenlace sem precedentes na tradição clássica da história de Giges e Candaules (concebida como uma lenda etiológica, para explicar o fim da dinastia dos Heraclidas e a ascensão de Giges e da família dos Mérmnadas ao trono da Lídia).

VI

Alguns tópicos da tradição foram também recriados por André Gide, no drama em três actos *Le Roi Candaule*, em que Giges e Candaules representam duas perspectivas opostas acerca da felicidade. Giges é um pescador, que leva à mesa do rei um peixe em cujo ventre se encontra um anel com uma enigmática inscrição: *ἐτυχίαν κρύπτω* (eu escondo a felicidade). Em vez de seguir este conselho, o monarca compraz-se em suscitar a inveja alheia com a beleza da esposa. Descobrimo que o anel confere invisibilidade, Candaules entrega-o ao pescador e exorta-o a tirar partido desse instrumento para observar a bela rainha Nísia nos seus aposentos. Invisível, levado pela paixão, Giges seduz a soberana, que a ele se entrega, pensando tratar-se de Candaules. Convicta de que nenhuma mulher deve pertencer a dois homens, ao ouvir Giges confessar-lhe o amor que por ela sente, revelando o plano concebido pelo rei, Nísia pede-lhe que volte a usar o anel mágico para cravar um punhal no peito de Candaules. Atormentado pelo ciúme e pelos remorsos, o rei está decidido a guardar doravante só para si a beleza da esposa, quando Giges dele se aproxima, invisível, para desferir o golpe fatal. Nísia entrega a Giges a sua mão e o reino, afirmando-se disposta a deixar de usar o véu que tanto desagradava a Candaules. O novo consorte obriga-a, porém, a usá-lo, obedecendo zelosamente à regra da felicidade que Candaules infringira: "Je cache le bonheur".

VII

A incauta determinação com que Candaules insensatamente atenta contra o recato da esposa, perturbando a harmonia conjugal que deveria procurar defender, estabelece a transição entre o trágico e o cómico e foi o motivo explorado por alguns dramaturgos que recriaram a história de Giges e Candaules sob a forma de comédia.

Em *Le roi Candaule*, comédia lírica em quatro actos e cinco quadros, com libreto de Maurice Donnay e música de Alfred Bruneau, Candaules é um rei esteta obcecado pela nudez, enquanto sublime manifestação da beleza. Ao ouvir Giges enaltecer a sua amada, Candaules desafia-o a observar a rainha no banho. Apercebendo-se da situação, ela não sabe se deve odiar mais Giges ou Candaules. O rei admite a sua culpa, reconhece os ciúmes que sente ao pensar em Giges e sublinha o seu amor pela esposa, jurando que nunca mais a exporá aos olhos de outro homem. Mas, ao ouvir Giges declarar-lhe o seu amor, a rainha corresponde aos sentimentos do súbdito, pedindo-lhe que mate Candaules. A solução encontrada por M. Donnay para o desfecho do quarto acto explora um efeito cómico

que não figura nas restantes versões: errante e invisível, a sombra do rei morto vem observar o novo par, na noite dos esponsais, comentando em aparte as palavras de ambos e prometendo regressar todas as noites, para expiar a sua culpa.

VIII

Na comédia um acto *Le Roi Candaule*, de Henry Meilhac e Ludovic Halévy, as desventuras do rei lídio não são o tema, mas antes o pretexto para a intriga. A acção decorre num teatro, num corredor de acesso aos camarotes, durante uma récita da ópera *buffa Le Roi Candaule*. Nas cenas mais licenciosas do espectáculo, um pai obriga as duas filhas a sair do camarote; mas dois meliantes, que conhecem de cor a peça, entretêm no corredor as jovens, contando e cantando todas as partes censuradas pela moral paterna. No mesmo corredor se encontram, por acaso, dois amigos casados, cada um deles acompanhado pela mulher do outro, disposto a seduzi-la num camarote isolado. Desnorteados pelo ciúme, pensam lavar a honra em duelo, mas acabam por se reconciliar, tomando a experiência como um aviso: a infidelidade é um risco que algumas situações propiciam e um amigo pode tornar-se um rival – conforme atesta a história de Giges e Candaules.

IX

Na comédia em três actos *El anillo de Giges, y mágico rey de Lidia*, de José de Cañizares, poucos são os elementos inspirados no célebre episódio de Giges e Candaules, na versão de Platão para que o título remete.

O pastor Giges encontra um anel mágico no túmulo do mago Zoroastres, cujo espírito lhe augura a fama e a glória de vir a ser o salvador da pátria. Quando o rei da Magnésia declara guerra ao da Lídia, por este lhe negar a mão da sua filha (porque um oráculo lhe vaticinara que, se não a casasse com um homem do seu sangue, perderia o reino e a honra), com os poderes mágicos da jóia, Giges ajuda as tropas lídias a alcançar a vitória. Apaixonado pela filha do rei, usa também o anel para entrar, invisível, no palácio, para lhe expressar o seu amor. Antevendo em sonhos que Giges será o seu sucessor, o rei decide matá-lo, para não entregar o trono a um pastor; mas o espírito de Zoroastres vem revelar que esse jovem pastor é afinal o filho do falecido irmão do rei. Pouco depois, Giges toma por esposa a princesa.

Doze personagens (dois reis, duas princesas, dois nobres, dois servos, uma deusa, um mago, uma estátua e um pajem), além de dezenas de figurantes (soldados, aias, músicos) sustentam uma complicada intriga, movida por amores cruzados, oráculos, visões e presságios. As indicações cénicas que o texto apresenta sugerem uma encenação aparatosa: no primeiro acto e no último, o cenário representa uma gruta, árvores e montes; Giges e o seu criado voam; o herói e a sua amada aparecem sentados no trono de Vénus; para explicar que não foi por acaso que o jovem pastor encontrou o anel mágico, Vénus desce à terra, num carro de pombas.

Na trama desta comédia, a ascensão de Giges ao trono da Lídia e o anel mágico são os únicos tópicos inspirados na versão narrada por Platão, para a

qual o título da peça remete. Mas o dramaturgo espanhol recria esses elementos: o anel mágico, que só a Giges confere invisibilidade, torna-o também capaz de voar, de fazer aparecer tropas ou um ninho de vespas; sobrinho de Candaules, Giges sobe ao trono por direito (e não por regicídio), tomando por esposa a filha (e não a mulher) do seu predecessor.

X

No romance *The English Patient*, Michael Ondaatje reproduz o célebre passo de Heródoto (na versão inglesa de Macaulay, 1890).

No capítulo "The cave of swimmers", o protagonista conta como se apaixonou por Katharine, mulher de Clifton, um dos membros da sua equipa numa expedição no norte de África. Pouco depois de ter emprestado a Katharine as *Histórias* de Heródoto – o seu livro de eleição – ele recorda como a ouviu ler o episódio de Giges e Candaules, numa confraternização organizada pelo marido para celebrar a descoberta de uma valiosa série de achados arqueológicos. As palavras de Heródoto são, nesta analepse, entrecortadas por considerações do narrador sobre algumas afinidades da lendária história com a sua própria experiência (Ondaatje, 1992, pp. 246-249):

Then she began to read from *The Histories* – the story of Candaules and his queen. [...] There are several things one can say. Knowing that eventually I will become her lover, just as Gyges will be the queen's lover and murderer of Candaules. I would often open Herodotus for a clue to geography. But Katharine had done that as a window to her life. Her voice was wary as she read. Her eyes only on the page where the story was, as if she were sinking within quicksand while she spoke. [...] This is a story of how I fell in love with a woman, who read me a specific story from Herodotus. I heard the words she spoke across the fire, never looking up, even when she teased her husband. Perhaps she was just reading to him. Perhaps there was no ulterior motive in the selection except for themselves. It was simply a story that had jarred her in its familiarity of situation. But a path suddenly revealed itself in real life. Even though she had not conceived it as a first errant step in any way. I am sure. [...]

It is a strange story. [...] The vanity of a man to the point where he wishes to be envied. Or he wishes to be believed, for he thinks he is not believed. This is no way a portrait of Clifton, but he became a part of this story. There is something very shocking but human in the husband's act. Something makes us believe it. [...] She stopped reading and looked up. Out of the quicksand. She was evolving. So power changed hands. Meanwhile, with the help of an anecdote, I fell in love.

Na "estranha história" de Giges e Candaules, o narrador sublinha o facto de o rei lúdio desejar que o invejassem e que acreditassem na sua palavra, quando exaltava a beleza da rainha, de que tanto se orgulhava. Não correspondendo esta descrição ao retrato de Clifton, algo semelhante era o seu enlevo ao falar da mulher com quem recentemente se casara (Ondaatje, 1992, pp. 243-245):

He shared his adoration of her constantly. Here were four men and one woman and her husband in his verbal joy of honeymoon. [...]

Clifton celebrated the beauty of her arms, the thin lines of her ankles. He described witnessing her swim. He spoke about the new bidets in the hotel suite. Her ravenous hunger at breakfast.

To all that, I didn't say a word. [...]

The words of her husband in praise of her meant nothing.

Tal como o rei lídio da história de Heródoto, Clifton não se cansava de enaltecer a esposa, nas suas conversas com o amigo a quem o amor viria a tornar seu rival. Os ciúmes do amante e a permanente necessidade de mentir para ocultar ao marido o adultério, com receio da sua ira, levarão Katharine a findar a relação. Mas Clifton acaba por descobrir a traição de que fora vítima: decidido a punir com a morte o adultério, imola-se no desastre aéreo que com esse fim provoca; ferida no acidente, Katherine morre na “gruta dos nadadores” – o mesmo espaço que dá nome ao capítulo do romance em que, ao som da história de Giges e Candaules, brota uma paixão que será fatal a todos os elementos do triângulo amoroso.

Referências bibliográficas

- Aguiar e Silva, V. M. (1967). Conto. *Enciclopédia Luso-Brasileira da Cultura* (vol. V, col. 1572). Lisboa: Editorial Verbo.
- Barquero Goyanes, M. (1988). *Qué es la novela; Qué es el cuento*. Murcia: Universidad de Murcia.
- Cañizares, J. (1764). *El anillo de Giges, y máximo rey de Lidia*. Madrid: Imprenta de Antonio Sanz.
- Cervantes, M. (2004). *Don Quijote de La Mancha*. Madrid: Real Academia Española.
- Donnay, M. & Bruneau, A. (1920). Le Roi Candaule. *La Petite Illustration Théâtrale*. Nouvelle série, XXX.
- Gautier, T. (1917). Le Roi Candaule. In *Nouvelles* (pp. 361-418). Paris: Bibliothèque-Charpentier.
- Gide, A. (1942). *Le Roi Candaule*. Paris: Gallimard.
- Giovanni Fiorentino (1897). *The Pecorone* (first translated into English by W. G. Waters). London: Lawrence and Bullen.
- <http://www.archive.org/details/pecoroneofsergio00giovich>
- Hebbel, F. (1914). *Gyges and his Ring* (translated into English verse by L. H. Allen). London: J. M. Dent & Sons.
- Herodotus (1890). *The History* (translated into English by G. C. Macaulay). London / New York: MacMillan.
- Hofmannsthal, Hugo von (1954). König Kandaules (ein Trauerspiel. In *Gesammelte Werke in Einzelausgaben Dramen* (ed. Herbert Steiner, vol. II, pp. 511-522). Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag.
- La Fontaine, J. (1965). Le Roi Candaule et le Maître en Droit. In *Oeuvres Complètes* (pp. 268-271). Paris: Éditions du Seuil.
- Meilhac, H. & Halévy, L. (1880). *Le Roi Candaule*. Paris: Calmann Lévy Editeur.
- Ondaatje, M. (1992). *The English Patient*. London: Bloomsbury.
- Photius (1959-1971). *Bibliothèque* (ed. trad. René Henry). Paris: Les Belles Lettres.
- Platon (1967). *La République* (ed. trad. Émile Chambry). Paris: Les Belles Lettres.
- Queiroz, E. (1986). Notas Contemporâneas. In *Obras de Eça de Queiroz* (vol. II, pp. 1431-1443). Porto: Lello & Irmão Editores.
- Moisés, M. (1983). *A criação literária – Prosa*. São Paulo: Editora Cultrix.

Resumo

«Force gens ont été l'instrument de leur mal: / Candaule en est un témoignage» – assim começa La Fontaine o conto "Le roi Candaule et le maître en droit", inspirado num célebre episódio de Heródoto (I, 8-13).

Refere o historiador que, orgulhoso da beleza da esposa, o rei lídio Candaules propôs a Giges (membro da sua guarda pessoal) que a visse nua, escondido nos aposentos reais. Sentindo-se injuriada por o marido assim a expor aos olhos de outro homem, a rainha ordenou a Giges que escolhesse entre matar Candaules ou sofrer a morte por ter visto o que não devia. Giges optou pelo regicídio, desposou a viúva e alcançou o poder. Na versão narrada por Platão (*Rep.* II, 359c-360b; X, 612b), Giges (um ambicioso pastor da casa real) sobe ao trono da Lídia, com os poderes de um anel mágico, que lhe permite entrar invisível no palácio, seduzir a rainha e matar o rei.

Em diversos géneros literários, não faltam testemunhos da recepção deste episódio. Foi tema de tragédia (*Gyges und sein Ring* de Friedrich Hebbel; *König Kandaules* de Hugo von Hofmannsthal), drama (*Le Roi Candaule* de André Gide) e comédia (*El anillo de Giges, y máximo rey de Lydia* de José de Cañizares; *Le Roi Candaule* de Henry Meilhac e Ludovic Halévy; *Le Roi Candaule*, comédia lírica com libreto de Maurice Donnay e música de Alfred Bruneau). Além do conto de La Fontaine, a novela *Le Roi Candaule* de Théophile Gautier e o romance *The English Patient* de Michael Ondaatje são alguns dos textos narrativos que retomam a história de Giges e Candaules, que poderá ter sido também uma das fontes de inspiração de Cervantes na "*Novela del Curioso impertinente*".

Abstract

One of the stories in La Fontaine's tale "Le roi Candaule et le maître en droit" is a famous episode of Herodotus' *Histories* (I, 8-13): proud of his wife's beauty, the Lydian king Candaules proposed Gyges (his favorite bodyguard) to see her naked, hidden behind the open door of the royal bedroom. Feeling reviled, exposed by her husband to the eyes of another man, the queen told Gyges that he must kill the king or die for having seen what he should not. Gyges killed Candaules, married the widow, and became king. According to Plato (*Rep.* II, 359c-360b; X, 612b), Gyges was an ambitious shepherd, who found a magic ring; invisible, he entered the palace, seduced the queen, killed Candaules and became king.

In different literary genres, there is no lack of evidence of the reception of this episode. It inspired tragedy (*Gyges und sein Ring* by Friedrich Hebbel; *König Kandaules* by Hugo von Hofmannsthal), drama (*Le Roi Candaule* by André Gide) and comedy (*El anillo de Giges, y máximo rey de Lydia* by José de Cañizares; *Le Roi Candaule* by Henry Meilhac and Ludovic Halévy; *Le Roi Candaule*, lyric comedy by Maurice Donnay and Alfred Bruneau). La Fontaine's tale, the short story *Le roi Candaule* by Théophile Gautier and the novel *The English Patient* by Michael Ondaatje are some of the narrative texts that recall the story of Gyges and Candaules, which may also have been one of the sources of Cervantes' *Novela del Curioso impertinente*.